



# O Arquipélago - Volume III

*Érico Veríssimo*

[Download now](#)

[Read Online](#) 

## O Arquipélago - Volume III

*Érico Veríssimo*

### O Arquipélago - Volume III Érico Veríssimo

A trilogia O Tempo E O Vento chega ao fim. Os caudilhos gaúchos se rebelam, tomam a capital federal e inauguram uma nova era política no Brasil. Na cidade fictícia de Santa Fé, a família Terra Cambará é abalada por novos conflitos: Toríbio rompe com o irmão e vai ao encontro de seu inapelável destino. Nessa atmosfera tumultuada, Sílvia, a amada do escritor Floriano, revela seu mundo num diário surpreendente, impregnado pela época sombria da Segunda Guerra Mundial. Tudo converge para uma encruzilhada de tempos e memórias: Rodrigo Cambará tem um acerto de contas definitivo com o filho, Floriano, que começa a escrever o grande romance de sua vida.

### O Arquipélago - Volume III Details

Date : Published 2004 by Companhia das Letras (first published 1962)

ISBN : 8535905677

Author : Érico Veríssimo

Format : Paperback 488 pages

Genre : Historical, Historical Fiction, Classics, Literature

 [Download O Arquipélago - Volume III ...pdf](#)

 [Read Online O Arquipélago - Volume III ...pdf](#)

**Download and Read Free Online O Arquipélago - Volume III Érico Veríssimo**

---

## From Reader Review O Arquipélago - Volume III for online ebook

### Paulo Sousa says

Livro 2º/Mar// 11º/2016

Título: O Tempo e O Vento 3 - O Arquipélago vol. 3

Autor: Erico Veríssimo

Editora: Cia das Letras

Páginas: 488

Minha classificação: ??????????

---

Acabo de concluir a leitura da terceira e última parte de O Arquipélago e final da saga O Tempo e O Vento, encerrando este maravilhoso projeto de leitura que me consumiu exatos 70 dias, iniciados em 2 de janeiro e terminado em 11 de março de 2016.

E que belo final Erico deu ao final desta história...

Neste derradeiro volume, os costumeiros diálogos de discussão política continuam a se arraigar no Sobrado, tendo a figura de Getúlio Vargas e seu Estado Novo como centros de controvérsias e acalorados debates. Entremeiam-se as correntes políticas da primeira metade do século XX, como o comunismo de Eduardo, o tradicionalismo de Terêncio Prates, a religiosidade de Irmão Toríbio e às digressões filosóficas de Floriano Cambará, até então para mim um fantasma que vivia ora a se esgueirar pelos cantos da velha casa da família Cambará, ora em passeios pelas ruas de Santa Fé onde abre sua torrente de emoções reprimidas ao amigo Roque Bandeira -- o Tio Bicho -- e a seu primo, o irmão Toríbio.

Mas é na sua solidão que Floriano se encontra, a perder-se de amor por Silvia, objeto de sua mais terna lembrança. É ali tb que ele revive os rancores e decepções por seu pai, Rodrigo, desde que era menino.

Como que fantasmas que saem das sombras da água furtada para cobrarem o legado que o atormenta.

Já Floriano, o romancista, ensaia o grande livro da sua vida, o raio X de sua própria família, abarcando desde os tempos do Continente, onde delineará o Retrato de várias gerações de Terra Cambará Quadros, esmiuçará cada ilha, nesse imenso Arquipélago que são seus irmãos, pais e parentes próximos.

Mas para mim o ponto alto do romance é a enigmática e calada Silvia, que se revela no diário que passa anos escrevendo, e onde leio as passagens mais lindas e marcantes da parte final dessa história.

Silvia também ama Floriano, mas, o casamento com Jango a impede de viver o grande amor da sua vida...

E não tinha como não terminar esta belíssima história com o acerto de contas entre Floriano -- o filho -- e seu pai, Rodrigo, onde ambos põem à mesa uma toalha branca onde são despejados anos de ingratidões. Também narra o início do romance de Floriano, e a forma como Erico nos mostra as primeiras linhas não tem como não trazer a impressão de que o fim da história dos Cambaras e de Santa Fé, na verdade, é o seu começo, como uma espécie de Macondo tupiniquim, onde a vida corre em círculo...

Enfim, recomendo vivamente esta estupenda trilogia, sem dúvida um dos livros essenciais da literatura mundial!

---

### Gláucia Renata says

A Guerra dos caudilhos chega ao fim, porém a Grande Guerra acaba repercutindo de alguma forma na vida dos habitantes do sobrado. Floriano escreve um livro dentro de um livro e através dele Veríssimo termina essa saga.

## Andre Helal says

Que jornada... Não sei como descrever. Melhor leitura do ano. Uma das melhores leituras da vida. Sim, todos os 3 (O Continente, O Retrato e O Arquipélago) são 5 estrelas. Cada um possui suas nuances e peculiaridades, mas todos são maravilhosos.

---

## Mayumi says

Livro incrível! Série incrível! Deveria ter escrito sobre os outros livros também, mas acho que vou ter que reler os livros para fazê-lo. (Ahhh... que pena... só que não! =)

N'O tempo e o vento a gente acompanha a ascensão e declínio da família Terra Cambará. O primeiro Rodrigo Cambará (o "um certo capitão Rodrigo" do Um Certo Capitão Rodrigo) costumava dizer que Cambará macho não morre na cama, e é isso que acontece com o doutor Rodrigo Cambará; o que eu interpretei como declínio da família. De fato, todos os "Cambarás macho" morreram "peleando", inclusive o Toríbio, irmão do doutor Rodrigo, que morre numa briga de bar, mas foi "peleando".

Gostei muito da representação feminina em todos os livros. Todas as mulheres eram muito fortes, por mais que nunca fossem para as guerras e revoluções. Como bem disse Maria Valéria n'O continente, volume 1:

"Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei. Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra."

Destaque para o personagem Roque Bandeira, o Tio Bicho! Personagem incrível!

Érico Veríssimo é de uma sensibilidade incrível! Marquei muitos devaneios sobre a vida, o universo, o tempo e o vento... Achei maravilhosa a forma como ele nos leva pelos vários tempos da história, indo e voltando, ao sabor do vento.

Leitura recomendadíssima!

Li durante a Maratona Skindô Skindô 2016.

E, por fim, algumas citações.

Eu já disse... O remédio é separar o Rio Grande do resto do país, mandar estender uma cerca de arame farpado na fronteira com Santa Catarina.

Que fazer? Já que não posso derrubar o governo, que ao menos me seja permitido dormir com a professora! Gostou da frase e mentalmente se deu uma palmadinha admirativa no ombro.

Florianos sentiu um passageiro desejo de descer e olhar a festa, mas uma timidez mesclada de preguiça o tolheu. Não lhe era fácil conviver com as outras pessoas.

Recusava-se, porém, a dizer as frases e a assumir as atitudes que conquistam amizades, simpatias e admirações, não só por achar o estratagema hipócrita e primário como também por uma espécie de preguiça tingida de não-vale-a-penismo.

— O doutor não se interessa por peixes? — Não. Prefiro seres humanos. — Questão de gosto.

D. Revocata, que estava presente, observou que avalanche era um galicismo desnecessário, uma vez que em português existia a palavra alude.

A tristeza lhe vinha da compreensão a que chegara, da inutilidade de todos os gestos, da monotonia com que os fatos se repetiam. Os homens insistiam nos mesmos erros. Pronunciavam frases antigas com um entusiasmo novo. Encontravam justificativas para matar e para morrer, e estavam sempre dispostos a acreditar que “desta vez a coisa vai ser diferente”.

— Que estranho tipo de sociologia — indaga ele com uma ponta de ironia na voz — me andaste aprendendo lá pela Sorbonne? Será que teus mestres te ensinaram que um único homem tem o poder de mudar o curso da história dum povo? Ou que um presidente ou mesmo um ditador pode ser responsável por tudo, mas tudo quanto acontece em todo o território que governa? Pelas secas, pelas chuvas, pelas safras, pelos terremotos, pelos humores e maquinações da oposição, pelas oscilações do câmbio? E que me dizes de seus ministros? E dos seus secretários? E dos amigos e parentes que usam seu nome em vão ou, pior ainda, com propósitos interesseiros?

Para usar uma frase do velho Fandango, os livros passaram por ti, mas tu não passaste pelos livros.

Como dizia Machado de Assis, a ocasião faz o furto e não o ladrão, porque este já estava feito.

Mas isso também me alegra, pois estou convencido de que, para o tipo de história que vou escrever, o cobre talvez seja um metal mais nobre que o ouro.

— É engraçado, mas esse processo de gestação literária, no caso de vocês os ficcionistas, parece-se muito com o da gravidez... Vê bem. A personagem (ou o livro) cresce na tua mente como um feto no ventre materno. Como uma gestante, estás sujeito a momentos de alegria, esperança e plenitude alternados com náuseas, apreensões e crises de nervos. Um dia a criança nasce, depois cresce e já não te pertence mais: passa a ser um pouco dos outros e muito de si mesma. Agora eu só queria saber como é que os contadores de histórias ficam grávidos... Alguns devem ser fecundados pelo pólen da inspiração trazido pelo vento, pelos insetos e pelos passarinhos...

Resigna-te às contradições e imperfeições do bicho-homem, que são até certo ponto o resultado da luta desigual entre sua poderosa natureza animal e os preconceitos duma educação cristã que nos quer impor uma moral feita mais para anjos que para homens.

“Em certas coisas sou um homem antigo”, dissera ele, não fazia muito. “Há modernismos que não aceito. Essa história de andar na rua sem chapéu, por exemplo... Em outros assuntos considero-me evoluído. Principalmente no terreno das ideias.”

Pervagava geralmente a atmosfera do salão uma mescla de odores: café recém-passado ou velho, sarro de cigarro antigo ou novo, bafio de álcool e um cheiro de suor humano de dois tipos: um já histórico, entranhado nos móveis, nas frestas, no soalho, nos panos, e o outro vivo e atual, produzido pelos fregueses presentes.

Quando perguntavam ao velho Liroca se existia lobisomem, ele respondia: “Se existe o nome é porque existe o bicho”.

O Brasil não é um país lógico, mas um país mágico.

Concluía que sua solidão só tinha sabor e sentido se — ilha também — fosse cercada de seres humanos.

Conheço histórias de mil brigas que começaram porque um sujeito se pôs a olhar com insistência para outro. Que significa isso para um homem não muito certo de sua masculinidade? Ele raciocina assim: “Esse cachorro está me namorando, logo pensa que sou efeminado”. E não há para o gaúcho insulto maior que esse. Ora, se ele estivesse mesmo seguro de seu machismo, a coisa não teria a menor importância. Mas não está. Lá nos refolhos da alma (com o perdão aqui do nosso Irmão Zeca), no inconsciente do “monarca das coxilhas”, mora a negra suspeita. E então ele vira bicho e agride o “sedutor” para provar a este e ao mundo que não há nem deve haver a menor dúvida quanto à sua masculinidade.

Nunca preguei nem desejei a destruição ou a difamação dos heróis da nossa história. O que sempre achei absurdo foi a projeção desses homens no plano ideal, com prejuízo de sua humanidade, de sua autenticidade, de sua verdade existencial.

[...] mas sem mulheres como a velha Ana Terra, a velha Bibiana e a velha Maria Valéria (isso para citar só gente de casa) não existiria também o Rio Grande. Elas eram o chão firme que os heróis pisavam. A casa que os abrigava quando eles voltavam da guerra. O fogo que os aquecia. As mãos que lhes davam de comer e de beber. Elas eram o elemento vertical e permanente da raça.

[...] surpreendo-me a fazer-lhes um discurso que não premeditei.

Diz a Dinda que o vento e o tempo têm uma briga antiga, que vem do princípio do mundo.

Por muito tempo, d. Flora me deu as roupas e sapatos que iam ficando pequenos demais para a Alicinha. Coisas de segunda mão. De certo modo, a menina pobre sentia que o amor que lhe davam era também de segunda mão.

Não expressei ainda em nenhum livro a convicção que tenho de que o homem, por seus próprios meios, sem contar com o apoio de forças sobrenaturais, pode melhorar a sua vida e a de seus semelhantes na terra.

Neo-humanismo? Detesto os rótulos, Zeca. Porque eles são estáticos, ao passo que as criaturas humanas estão em constante devir.

O Jango precisa de ti. As mulheres têm uma capacidade de renúncia maior que a dos homens. É por isso que elas são mais fortes que nós.

É preciso um certo tipo de coragem para admitirmos que temos medo.

Nunca te esqueças do que vou te dizer agora. Vocês literatos escrevem romances, poesias e ensaios. Os filósofos interpretam a vida e o mundo. Os cientistas e os técnicos inventam ou descobrem coisas e procuram domar a natureza, pondo-a a serviço do homem. Mas para fazer uma civilização não bastam os literatos, os filósofos, os santos, os profetas, os cientistas e os técnicos. É preciso também homens de ação e paixão como o teu trisavô, o capitão Rodrigo, e como o teu tio Toríbio, homens que não têm medo de sujar as mãos de barro, nem mesmo de sangue, quando necessário. Sem esse tipo de gente, a roda da história não anda...

Ficou-lhe de tudo isso a impressão de que, de certo modo, Sílvia obrigara Deus a existir.

Porque o amor está mais perto do ódio do que a gente geralmente supõe. São o verso e o reverso da mesma moeda de paixão. O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença...

Espera mais um dia ou dois, e verás como vais te sentir mais perto de teu pai que nunca. Morto, ele passará a ser o que tua amorosa imaginação e a tua saudade fizerem dele. Nossa memória é dotada dum filtro mágico cuja tendência é deixar passar para a consciência apenas as boas lembranças dos dias vividos e das pessoas mortas. E é justamente essa inocência da memória que nos torna possível continuar vivendo sem desespero. E é ainda por causa disso que custamos tanto a aprender a viver... quando aprendemos.

---

### **Barbara says**

Entre os tantos planos que fiz para 2018 e não realizei, ficam aqueles que não planejei e fiz. Ler essa saga foi a melhor surpresa, e maior escolha, deste ano. Obrigada Érico Verissimo por me mostrar um Brasil que eu não conhecia, uma história que eu vivi tanto tempo distante para descobrir, no fim, que é sua, é nossa, é minha. Me redescobri como leitora e como brasileira.

"E se fosse possível viver a vida sem verbalizá-la? Sim, tocar seu cálido e enorme coração que pulsa, aflito e quase abafado por baixo de uma crosta de convenções, superstições e prejuízos....Libertar a vida, o mundo, o homem de sua prisão de palavras!"

---

### **Suellen Rubira says**

Apesar de toda a minha implicância com Rodrigo Cambará, viver em Santa Fé com essas personagens durante 5 meses, nos 7 volumes da série foi uma experiência única, como toda história que Erico Verissimo conta. Ler Érico não é passar o tempo, mas é criar laços com as personagens, ter que ouvir suas reclamações e suas alegrias. Vou sentir saudade da Ana Terra, da Bibiana, do velho Fandango, do Floriano e até mesmo do doutor Rodrigo Cambará, por que não? Essa obra é um acontecimento na vida de uma pessoa.

---

### **Vinícius Menti says**

Não tenho palavras pra descrever o que senti quando acabei essa trilogia do Érico. É realmente uma das mais importantes e incríveis obras da literatura brasileira, com personagens memoráveis e discussões muito importantes sobre fatos e ideias que até hoje são válidos.

---